

Um exercício entre a literatura de Clarice Lispector e a Psicanálise

Flávia Albergaria Raveli

Resumo: A literatura peculiar de Clarice Lispector é articulada, neste texto, com alguns conceitos da Psicanálise, como ‘o estranho’, através de seu conto ‘Amor’.

Neste semestre que privilegia os casos clínicos de Freud, propomos uma articulação entre a psicanálise e a literatura tomando como eixos norteadores o conceito de estranho em Freud *Unheimliche* e o conto *Amor* de Clarice Lispector. A literatura, aqui, comparece como “caso clínico” a ser escutado do lugar da psicanálise. O estranho desdobra-se no estrangeiro e na “estrangeiridade” (ou estrangeirice), diferença mais ou menos integrada que diz respeito ao retorno do recalcado - o estranho fundante, que sempre retorna - e ao outro em si mesmo, estranho familiar e por isso mesmo aterrorizador. “Caroço” do inconsciente, diferença, traço da falta que nos constitui como sujeito do inconsciente, recalque primeiro fundante do inconsciente que nos marca como desejo do outro; desde sempre alienado no outro.

O conceito freudiano de *Das Ding* se refere ao primeiro outro, antes mesmo de ser outro, num momento mítico em que não existia distinção entre “um e outro”, entre a mãe e o bebê. *Das Ding* permanece, então, como inscrição da “coisa” (a Coisa) primeira, instituinte, diferentemente de outras “coisas” – *sachen* - que ocupam o lugar primeiro, numa sucessão metonímica desejanse, cujo objeto é, por definição, deslizante, deslocando-se de fantasia em fantasia, pela impossibilidade de se deparar com “a Coisa”, da identificação com essa. O sujeito existe e se relaciona, necessariamente, pela mediação: da palavra, do desejo.

A condição de indivíduo/sujeito em si mesmo deslocado, por definição faltante, tendo que se haver, desde sempre, com algo a ser integrado que o determina - o inconsciente, instância constituída pelo recalque primeiro - é atualizada no sintoma, e pela situação analítica, entre outros. Nesta, analista e analisando vivenciam a condição de

deslocamento como imprescindível para o próprio movimento analítico; tanto do analista - que deve estar, por definição, neste lugar de outro, para poder ocupar os lugares vários na transferência - como do analisando, o qual, em função do sofrimento causado pelo sintoma, pode vir a realizar um movimento, uma separação de si mesmo de forma a poder caminhar metaforicamente, sair de um estado de fixidez e imobilidade próprios do sintoma.

Neste sentido, como pensa a psicanalista Betty Fuks, o sujeito em análise realiza uma travessia, é um estrangeiro de si mesmo que, para atravessar seus fantasmas, na definição lacaniana, deve operar um deslocamento da imagem - ou do imaginário - construído na relação com o outro.

A literatura e o ato de escrita e leitura, por sua vez, também atualizam - potencialmente - a condição de estranhamento fundante do sujeito, que pela palavra, em si mesmo metafórica, pode “fazer deslizar os sentidos”, pode vivenciar outras vidas, outras identificações. *Eu sou trezentos, sou trezentos e cincoenta*, em Mário de Andrade; *O poeta é um fingidor, finge tão completamente que chega a sentir que é dor, a dor que deveras sente...*, em Fernando Pessoa, ele mesmo.

No conto *Amor*, Ana dá um suspiro de meia satisfação ao sentar no bonde com as compras do dia. Como o bonde vacilante nos trilhos, Ana vive em instâncias inconciliáveis e antagônicas, cujo equilíbrio a muito custo se mantém; entre a vida “concreta” e seu mundo interior. Os pares de opostos se sucedem a partir daquele e antes deste, a partir do par “coisa e palavra”. A “coisa clariciana” nos remete ao *Das Ding*, coisa primeira a qual não se pode aceder, a não ser pela mediação da palavra. Clarice/Ana parece querer voltar a um momento anterior, ulterior no qual coisa e palavra não se distinguiam, momento em que, como o plasma vital e viscoso do ovo, não havia distinção, separação. No limite, não havia vida de fato, podemos pensar. Talvez promessa de vida. Entre a promessa e o desejo e a vida “real” há um abismo, separação infinita e intransponível. Em Clarice, o cotidiano e as tarefas a cumprir constituem ponte muito tênue que sustenta a vida, a realidade. Cortina, o fogão, os objetos são um contorno possível e necessário dentro do qual a vida pode se dar, emoldurada; num limite dado pela organização, pelas obrigações.

Qualquer coisa pode romper o fio tênue, a casca do ovo que separa lucidez e loucura, fazendo transbordar o plasma viscoso e disruptivo. O cego mascando chicletes irrompe no dia de Ana, na sua organização, em meio às tarefas a cumprir; entre cortinas

novas e filhos bons porque *coisa verdadeira e sumarenta*. Para viver Ana *plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas*. Sob essa vida possível, outra vida espreita: *Certa hora da tarde era mais perigosa. Certa hora da tarde as árvores que plantara riam dela*. Nela mesma, um outro espreita, ameaçador.

A visão de um o cego mascando chicletes opera em Ana um corte profundo no organizado, no “certo”, na vida, que tão a custo, ela conseguiu por nos trilhos. Como par antagonico ao cego mascando chicles, Ana lembra dos irmãos que iriam jantar - sua salvação?

Então ela viu: o cego mascava chicles...Um homem cego mascava chicles. Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar - o coração batia-lhe violento, espaçado (...). Mas o mal estava feito.

Outros pares se sucedem; categorias criadas por Clarice, oposições por ela inventadas: *a rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar num bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo.*

As compras, o dia a cumprir que conferiam equilíbrio a Ana, agora ruíam pela chão do bonde, com um *ar hostil e perecível... O mundo se tornava de novo um mal-estar. Vários anos ruíam, as gemas amarelas escorriam.*

O ovo - uma constante na obra “clariciana” - e sua matéria viscosa e amorfa quando se quebra. A oposição entre a perfeição do ovo: casca, clara e gema divididos e organizados e ovo quebrado: pura matéria sem forma; amalgamada que irrompe no dia de Ana lembrando-a que algo sempre retorna: disforme, sem ordem, como num tempo mítico em que coisa e palavra se identificavam, um tempo em que se estava amalgamado, protegido, nutrido. Em Clarice Lispector, o ovo atualiza a quebra e o rompimento brutal que o retorno do recalado, a irrupção da diferença não integrada pode significar na existência; ele próprio como metáfora do “antes e depois”: da “queda”, de alguma experiência, por mais aparentemente banal, que constitua um rasgo, um corte sobre outro corte, primeiro.

Os dias que ela forjara haviam-se rompido na crosta e a água escapava. Estava diante da ostra. E não havia como não olhá-la. De que tinha vergonha? É que já não era mais piedade, não era só piedade: seu coração se enchera com a pior vontade de viver. Já não sabia de estava do lado do cego ou das espessas plantas.

Objetos, bichos, plantas são humanizados enquanto as pessoas são reificadas. Nada está fixo, tudo é devir, tudo está em trânsito, num movimento constante, instável que Ana tenta interromper, estancar. O assassinato de uma formiga, o “assassinato da flor” (Cazuza) lhe convoca e ela se desfaz, sem adjetivos ou substantivos que a contenham, que contenham o que não tem nome, “nem nunca terá”.

As palavras, na obra “clariciana”, têm a espessura e a dimensão de um acontecimento, sendo, por outro lado, apenas palavras, mediação salvadora e maldição, como dizia a própria Clarice sobre o ato de escrever. Ela queria não escrever, desejava ter contato direto com as coisas, o mundo. Mas isso lhe era tão aterrorizante e ameaçador quanto mais desejado. As personagens de seus contos e romances vivem essa duplicidade, numa ambivalência perigosa, em que a vida se torna um saco de tricô; um fio fino e delicado prestes a se romper diante da beleza, da piedade, do amor; dos afetos e sentimentos, cuja dimensão as palavras só podem tangenciar, tocar de leve na impossibilidade de com esses se identificar. Não há identificação possível na obra de Clarice Lispector, ao contrário do que ocorre em Adélia Prado, por exemplo. Em Clarice/Ana, convivem oposições inconciliáveis, que não se complementam ou se preenchem. *A náusea é doce; a bondade é dolorosa, um vento morno e misterioso, Ela adormecia dentro de si; Todo o jardim triturado pelos instantes. Era fascinante, a mulher tinha nojo e era fascinante.*

Na tentativa de atribuir algum sentido à existência, Ana/Clarice recria as palavras, os significados, a pontuação. A sintaxe, a semântica obedecem a uma outra ordem, estão para além da organização estabelecida.

Finalmente, Ana chega em casa e tenta (se) re-constituir a ordem: *Andava de um lado para o outro na cozinha, cortando os bifés, mexendo o creme. (...) O que o cego desencadeara caberia nos seus dias? Quantos anos levaria até envelhecer de novo?*

A vida oscila entre a organização e o “entendimento” e a experiência que pode aparecer como disruptiva, mas que traz, em si, algo que alimenta, sopro vital, fluido de vida sem o qual se morre, oca, vazia, como parece Ana quando, finalmente, consegue se refazer: *E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagasse uma vela, soprou a pequena flama do dia.*